

O PENSAMENTO E A LINGUAGEM NA PSICOLOGIA DE MANOEL BOMFIM

FERNANDO MELLO MACHADO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FMACHADOUFRJ@GMAIL.COM

FRANCISCO TEIXEIRA PORTUGAL – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FPORTUGAL@UFRJ.BR

Introdução:

Pretendemos aqui fazer um percurso pela obra de Manoel Bomfim intitulada “*Pensar e Dizer: um estudo do símbolo no pensamento e na linguagem.*” (1923), com atenção especial voltada para os dois processos psicológicos que dão nome o livro. Embora sempre pareça tentador tratar do pensamento e da linguagem, sabemos que haverá uma longa tradição psicológica em nosso encaixo ao longo de nossas análises, da qual o autor brasileiro faz parte. Tentaremos fazer um uso positivo deste aspecto, ao invés de sentimo-nos oprimidos pelo peso de uma vasta tradição já consolidada. Qualquer pensador de relevo da psicologia se debruçou sobre tais temas que, em geral, são tratados conjuntamente. Além de pretender deflagrar o devido interesse que a obra psicológica de Bomfim merece, tencionamos igualmente explicitar a posição peculiar de sua psicologia. Algumas palavras poderiam ser poupadas se antes de entramos nas explicações teóricas tratássemos da formação intelectual do pensador.

Figura bastante atuante no período relativo à primeira república, após sua formação médica, Bomfim ocupou uma série de funções públicas ligadas à educação. Patrocinado pela prefeitura do Rio de Janeiro seguiu para Paris em 1902, onde estudou psicologia na Sorbonne com dois dos principais ícones da psicologia científica moderna: Alfred Binet e George Dumas. Ao longo deste período escreveu aquela que talvez tenha sido sua obra de maior relevo, intitulada: “*América Latina - Males de origem*”. Retornado ao Rio de Janeiro um ano depois, coordenou a montagem do que é considerado por muitos um dos primeiros laboratórios de psicologia experimental do Brasil. (cf. FRANCO, M. C. ; GONTIJO, R, 2000.; PENNA, A. G., 1992; PORTUGAL, F. T., 2009). Esta breve apreciação de sua biografia nos dá idéia do ecletismo que permeia suas análises. Numa época em que a hoje observada segmentação dos saberes ainda estava em vias de ocorrer, era comum ver os intelectuais discorrerem sobre assuntos exorbitantes a sua formação de origem sem maiores constrangimentos. A escrita de Bomfim é exemplar nesse sentido, pois além das metáforas biológicas seu estilo é impregnado de um lirismo próximo ao literário.

A forma declaradamente passional adotada por Bomfim para apresentar seus argumentos já nos diz alguma coisa a respeito de sua posição frente às pretensões científicas tão marcantes no início do século passado. Em primeiro lugar, não havia um interesse de sua parte em se dirigir a uma categoria singular de especialistas. Os seus conceitos também não possuem uma significação rígida, o que torna desafiadora a tarefa de resenhar sua obra. Há um rico manancial em que o autor apóia suas teorias que não se restringe à filosofia ou à psicologia, mas que se estende às artes, em especial à literatura; arte com que possuía ligação especial (suas relações com Olavo Bilac são

notórias). Pelo envolvimento do autor com problemas relativos à educação, poder-se-ia esperar que o livro contivesse um material que refletisse tal engajamento de maneira declarada, mas estas esperadas preocupações com a educação ao longo do livro logo se vêem frustradas. Não é encontrado nada que torne a psicologia concebida por Bomfim instrumental para a pedagogia, fugindo assim de uma captura das práticas educacionais pelo especialismo psicológico. tal como uma preocupação quanto a sua aplicabilidade de seu conteúdo neste âmbito. Ao contrário, ao buscar qualquer interesse de ordem prática que possa ter tido Manoel Bomfim ao escrever este livro temos o sentimento de uma permanente frustração. Poderíamos mesmo dizer que sua psicologia é despreocupada com tais questões, estando mais próxima de um gênero ensaístico-especulativo que, nem por isso, perde aquela vivacidade capaz de convidar o leitor a um exercício reflexivo que interfere em suas práticas.

Seria um erro, contudo, negar que a obra de Manuel Bomfim é exterior aos limites em que a psicologia científica vinha desenhando para si. É verdade que desdenha das contribuições experimentais ao campo da psicologia cuja desilusão com os resultados é evidenciada pelo próprio pronunciamento dos primeiros ícones desta vertente. Sua inspiração maior, contudo, é encontrada no seio desta nova ciência tão rica e plural desde suas origens. De Freud a Pavlov, de Wundt a James: nosso autor parece não ignorar nenhuma das contribuições significativas da época e revela um posicionamento muito próprio com relação a cada uma delas.

Um interesse renovado pela produção de Bomfim relacionada à psicologia parece ter surgido recentemente com a iniciativa do Conselho Federal de Psicologia ao publicar em 2006 a segunda edição de *Pensar e Dizer*, compondo a *Coleção Clássicos da Psicologia Brasileira*. Sabemos, contudo, que a despeito do enaltecido lugar conferido pelo Conselho à obra de Bomfim, a realidade dos estudos em psicologia em nosso país não lhe tem sido tão generosa. Suas contribuições têm sido legadas ao esquecimento. Compartilhamos, porém, os sentimentos que motivaram a iniciativa do Conselho, acreditando que não podemos nos dar ao luxo de negligenciar uma contribuição da qualidade daquela produzida por Bomfim.

Na própria psicologia de Manuel Bomfim encontramos uma justificativa à importância psicológica da história ou da tradição. O espírito, objeto da psicologia, é considerado uma atividade certamente ligada a um substrato material que pouco nos permite apreender de sua natureza. São as obras coletivas que são capazes de fixar suas instâncias dinâmicas. Estas obras coletivas (livros, monumentos, instituições, obras de arte, idioma etc.) são ao mesmo tempo o reflexo da tradição e permitem a sua própria superação. Parece ao mesmo tempo estimulante e desafiadora a proposta de Manoel Bomfim de que ao psicólogo cabe, em primeiro lugar, o estudo destas “obras coletivas” para obter um bom conhecimento preliminar de seu objeto de estudo.

Assim, fiéis a esta doutrina, tentaremos proporcionar uma visão fidedigna da produção psicológica de um dos principais pensadores brasileiros do século passado. Naturalmente que uma obra só se torna “coletiva” no sentido atribuído por Bomfim quando produz certas ressonâncias em um determinado meio histórico-cultural. Talvez por alguma vicissitude histórica, esta obra de Bomfim não atingiu tamanho status. Entretanto, nossos interesses não devem ser totalmente guiados pela popularidade dos escritos uma vez que esta, muitas vezes, é alcançada das maneiras mais inusitadas e com os atrasos temporais mais notáveis

Tentaremos, portanto, além de traçar um panorama geral da psicologia desenvolvida em *Pensar e Dizer*, dar uma atenção especial a sua maneira peculiar de conceber o pensamento e a linguagem. Além do uso consagrado de conceitos de uma psicologia que pende para um pólo de entendimento focado em valores mais

individuais, a obra contém também a idéia já adiantada por nós que expande os limites do psiquismo, esboçando uma compreensão do mesmo a partir de uma natureza essencialmente relacional. Daremos atenção especial a esta tensão fundamental em que parece se apoiar a psicologia de Manoel Bomfim por considerá-la ainda fonte dos maiores equívocos e também das maiores riquezas produzidas pelos estudos psicológicos. Se ao final de nosso estudo, pudermos obter a satisfação adicional de verificar que ele poderá servir de estímulo a novas investigações envolvendo o pensamento de Bomfim, iremos desfrutar inteiramente da sensação de que cumprimos nosso dever de historiadores.

II:

Conforme a sugestão deixada pelo título do livro, Bomfim propõe dividir seu estudo do símbolo em duas partes: primeiro seus esforços se concentram no papel desempenhado pelos símbolos nos pensamentos e ulteriormente, por extensão, em sua função de comunicação entre os indivíduos. Embora haja esta intenção explícita, notadamente revelada pela divisão do livro em duas partes, não nos seria lícito dizer que o autor cumpriu integralmente com seus propósitos. Vemos uma constante oscilação na maneira em que Bomfim trata seu assunto. Não temos a impressão de que fora cumprida a promessa feita ao início do livro no sentido de deixar patente a importância do estudo da tradição em psicologia, por exemplo. Poucas coisas são ditas a este respeito. Após seu esforço obstinado em busca de um esclarecimento da noção de símbolo que pretendia nos transmitir, o autor parece se deixar levar por interesses fortuitos que lhe despertavam o assunto. Isto só nos indica mais uma vez o caráter diletante desta publicação e o que em outro contexto poderia ser apontado como uma falha comprometedora, ali surge apenas como um resultado inevitável do estilo passional e criativo do autor. Seguiremos aqui a inclinação mais geral do livro de mostrar conjuntamente a importância do símbolo para o pensamento e para a socialização.

Ao lado do símbolo, a noção de idéia desempenha papel fundamental na obra de Bomfim; ela surge diversas vezes, sempre acompanhada de definições que, ao invés de constranger-lhe um sentido rígido, abrem um campo de possibilidades para sua compreensão. Por hora, basta-nos entender que os símbolos são responsáveis pela incorporação das idéias, tornando possível a sua evocação. São, poderíamos dizer, a contrapartida sensorial que nos orienta com relação à idéia que lhe é subjacente. Um exemplo simples é o sinal (+). Sua visualização desperta inequivocamente a idéia de adição, sendo considerado por isso um símbolo na acepção mais nobre da palavra. Dissemos isto, pois, para Bomfim, quanto mais cristalina é a relação entre o símbolo e a idéia que lhe está associada, mais eficazmente este cumpre seu papel. Trata-se aqui de uma abreviação. O que de outra maneira só se tornaria acessível por meio de um longo percurso intelectual, o símbolo sintetiza, possibilitando uma economia de atividade mental.

O autor segue nos dizendo que esta economia de atividade revela uma característica fundamental da inteligência humana: o pensar em termos gerais; abreviados. Tudo pode funcionar como símbolo, desde que assuma uma correspondência precisa com uma idéia ou um conjunto de idéias – comportando-se assim, à maneira de uma unidade de evocação. Assim, podem assumir a forma de símbolo: uma palavra, uma expressão facial, um gesto, uma obra de arte, um emblema, um som etc. O símbolo também delimita e define a idéia que, sem seu auxílio, não poderia ser capturada por uma inteligência e manipulada operacionalmente. O estoque simbólico determina, portanto, o sentido e os limites da projeção em que o pensamento pode avançar.

O conjunto de idéias que subjaz este estoque simbólico é formado por meio de dois processos psicológicos: abstração e generalização. Temos então que pela apreensão de determinadas propriedades do elemento água (p. ex. substância líquida, transparente, sem forma própria etc.), somos capazes de abstrair esta noção e transpô-la a quaisquer situações, pela evocação que a palavra a ela ligada produz, a despeito das virtuais limitações de nosso alcance sensível. Temos então a gênese de uma idéia do ponto de vista lógico.

Não ficamos satisfeitos com uma explicação tão limitada destes processos. Se nós consideramos o símbolo um elemento mental essencial para a constituição do pensamento humano enquanto tal, devemos, com a ajuda de Bomfim, nos deter um pouco mais em sua gênese. A palavra “*Água*”, assim como todos os outros vocábulos, possui caráter inequivocamente convencional, por sua própria natureza; pois a formação de um vocábulo já supõe um abandono da realidade que se encontra representada por meio daquele. Esses conjuntos de idéias e palavras que são as representações são transmitidos de geração em geração entre os indivíduos. Assim, a linguagem é internalizada por cada ser individual que, por sua vez, é assim assimilado na atividade social. Se, por um lado, somos obrigados a admitir essa espécie de exterioridade inevitável à constituição do psiquismo que é a linguagem, não nos sentimos autorizados a, com isso, abrir mão das evidentes nuances subjetivas que esta dinâmica relacional engendra.

Manoel Bomfim nos mostra que o símbolo possui este papel de permitir o encontro entre duas consciências, ao mesmo tempo em que está ligado a processos psíquicos oriundos de uma experiência singular. A partir do que foi dito, já deve estar claro que as idéias só existem a partir do momento em que encontram via de expressão em uma trama social que nos é imposta. Perguntar-se-ia, então, de onde vem a originalidade tão notável do gênio, do artista ou do cientista, por exemplo.

Nosso autor aponta a música como pertencente a um domínio puramente sensorial – isolado, assim, do pensamento. Isto poderia ser estendido, com certas reservas, para outras formas de expressão artística. A literatura, porém, exige claramente a passagem de um nível simbólico para um nível sensorial. Esta distinção feita no domínio das artes não deve ser tomada como definitiva, pois entende-se que as representações e os afetos estão, desde sempre, ligados uns aos outros. Acreditamos, contudo, em sua pertinência para resolver este problema da criação aqui colocado. Como dizíamos, a literatura, por necessitar das palavras, está mais decisivamente vinculada ao nível simbólico que, forçosamente, é adquirido por meio da socialização. O alcance do efeito expressivo pretendido pelo autor é, portanto, limitado. Ocorre que o gênio é capaz de apreender o mundo de tal maneira que seu mergulho no simbólico, ao invés de privar-lhe da riqueza experiencial, representa uma expansão de seus limites. Todos nós possuímos esta capacidade em potencial; prova disto é que somos capazes de apreciar as criações geniais e também de realizar nossas próprias criações menores. Conforme indicamos, a linguagem é parte do que nos é herdado pela tradição. Os eventos presentes se constituem em um arranjo móvel com o passado. A constante mudança dos padrões históricos ao longo dos tempos nos prepara para não acreditarmos que haja uma acomodação pacífica no presente daquilo que é herdado por meio da tradição. Há, ao contrário, um dinamismo sempre crítico nesta apropriação do que uma geração recebe, que deixa em aberto a possibilidade de renovação. A tradição não é entendida como uma madrastra tirânica, mas - poderíamos dizer - como uma mãe suficientemente boa, que provê apenas o necessário para o desenvolvimento autônomo de sua prole. Ela é, portanto, o próprio veículo da revolução.

III:

Vimos até agora a importância dos símbolos e das idéias para o pensamento que, ao final, acabou por confluir com a linguagem; sem a qual não existiria sob a forma que conhecemos. Propositamente não citamos as referências de Bomfim, pois além de exaustivo, tal esforço nos levaria a trâmites inadequados para um trabalho destas proporções. Agora que já estamos devidamente preparados, seria interessante darmos atenção especial a alguns detalhes da relação entre pensamento e linguagem para cobrir melhor este campo que nos propusemos a estudar.

Para o autor o pensamento se faz em regime de linguagem. Não devemos nos apressar nas atribuições de sentido a esta afirmativa, pois não parece ter o sentido atual que os psicólogos poderiam lhe atribuir, uma vez que não se refere à articulação e coerência interna do pensamento. Quer dizer apenas que ele serve aos propósitos da comunicação. Mas não somos levados a crer que possuímos total clareza quanto a seu mecanismo. Usaremos aqui a tradicional imagem do fluir de um rio, utilizada também por Bomfim. Seu fluxo incessante corresponde ao próprio pensamento. Imaginemos então que há uma série de bóias luminosas flutuando em sua superfície, que correspondem aos símbolos. Esta instância dinâmica e inapreensível que é o pensamento só se dá a conhecer por meio dessas instâncias superficiais que são os símbolos. Contudo, ainda não resolvemos todo o problema, pois ainda não sabemos o que nos indicam estas bóias luminosas e qual é a sua função. Aí é que entram as idéias, que só são comunicáveis quando referenciadas a estes símbolos, uma vez que compõem toda a massa de água do rio; habitando em trâmites por nós desconhecidos. O essencial do pensamento se dá em um nível inconsciente. Há um nível do pensar que não nos é acessível e sobre o qual podemos apenas especular.

Porém, mesmo esta inferência baseada em ocorrências tais como a espontaneidade e a irreflexão com que se dão inúmeras ações humanas pode co-existir ou dar lugar à uma outra maneira de entender o psiquismo que podemos encontrar neste mesmo livro de que estamos tratando. Não pensamos apenas no sentido intelectual do termo, mas também sob a forma de ações ou de prelúdio de atividades. Que lugar resta aqui para a linguagem?

A linguagem é um dos meios pelos quais podemos compartilhar nossas experiências. De todos os símbolos, os de linguagem são os que de maneira mais segura estabelecem os laços psíquicos que nos permitem reconhecer-nos enquanto membros de um determinado grupo social. Linguagem não deve ser confundida com língua (idioma). Quando falamos em linguagem, estamos tratando do material da consciência individual que pode ser compartilhado; contando todos os equívocos e perdas que certamente ocorrem neste processo.

A operação simbólica realizada por meio da linguagem só nos permite tratar o psiquismo por “intermédio de terceiros”: as palavras servem de títeres às idéias, que lhe são subjacentes. As idéias são, em geral, muito mais ricas e menos precisas do que o que um símbolo de linguagem pode expressar. Não dispomos, senão muito limitadamente, de outras maneiras de circunscrever nosso objeto de estudo que é psiquismo. Os artistas, quando o desejam, possuem seus meios próprios de fazê-lo. A nós, psicólogos, cabe seguir essa árdua tarefa, incessantemente retomada através dos anos, de tentar compreender o pensamento por recurso à linguagem e esta à luz da tradição que a acompanha.

A própria tradição psicológica nos convida a inventar, re-inventar seus problemas milenares. E não somos implacavelmente levados a isto por motivações iconoclastas (ao menos não os mais sérios dentre nós), mas por algo que a própria tradição sempre nos tem deixado em aberto. Poderíamos ser acusados aqui de levar

muito além as concepções de Bomfim. A isto responderíamos que agindo assim mantemo-nos ao menos fiéis a sua proposta que é fundamentalmente alheia à estagnação intelectual. Rejeitar a impassibilidade do discurso científico de sua época e instigar o cultivo de um pensamento crítico com constante poder de criação parece ter sido um de seus maiores méritos. Não obstante sua cativante audácia, acreditamos que ele não requereria muitos outros louros para si.

Referências:

BOMFIM, M. **Pensar e dizer. Estudo do symbolo no pensamento e na linguagem.** Rio de Janeiro: Casa Electros, 1923. [Reeditado em 2006 pela editora Casa do Psicólogo patrocinado pelo Conselho Federal de Psicologia].

FRANCO, M. C. ; GONTIJO, R. Manoel Bomfim (verbete). In: FÁVERO, M. de L. ; BRITTO, J. (Org.). **Dicionário de Educadores do Brasil - Da Colônia aos nossos dias.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

PENNA, A. G. **História da Psicologia no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PORTUGAL, F. T. Psicologia e história no pensamento social de Bomfim. In: HEIZER, A. ; VIDEIRA, A. A. P. **Ciência, Civilização e República nos Trópicos 1889-1930.** Rio de Janeiro: No prelo, 2009